

COMO LER E PORQUÊ?

A questão não é nova, já a colocou esse grande crítico da literatura que foi Harold Bloom. Daí que a sua actualidade nos leve a abri-la ao debate. Porque devemos ler as grandes obras? Porque permitem os clássicos sempre novas leituras? A resposta prende-se com o facto de só eles permitirem renovadas e permanentes releituras. Ao que nós acrescentaríamos, feitas de aventura pessoal que reforça a confiança nesses livros únicos, nos quais nos apoiamos sem atitudes de beatitude perante eles, mas para os usarmos como ponto de apoio com vista a um diálogo crítico com o presente.

Na verdade, o que torna as obras autênticos clássicos é a sua capacidade de releitura e reinterpretações sem fim. É o encontro permanente com vozes antigas, mas que se nos afiguram actuais.

Trata-se de uma viagem repleta de mistério e nela o leitor confronta-se com vozes distantes, sombras de um passado importante, que falam para nós de forma amistosa. A viagem nem sempre é fácil, mas vale o esforço, só é necessário procurar um guia amável e de confiança, para nos acompanhar no percurso, tal como Dante se deixou acompanhar de Virgílio, na sua viagem infernal. Em troca, damos o nosso tempo e a nossa imaginação para esse diálogo com mentes ressuscitadas, através da leitura.

O caminho é seguro, podemos afiançá-lo, porque é em direcção à sabedoria e faz-se com essas leituras que são também caminhos de reconhecimento de nós mesmos e também do mundo.

Ler os clássicos é tarefa diferente da leitura apressada de um jornal diário ou de um *best-seller*. Contrariamente a estes voltamos a relê-los, mais tarde, porque têm uma fantástica capacidade de suscitar o diálogo. Também porque cada leitura é uma nova leitura, como tão sabiamente Ítalo Calvino o soube dizer “um clássico é um livro que nunca termina de dizer o que tem a dizer”.

Um jornal lê-se uma vez, um texto literário permitirá, quanto muito, duas leituras, mas os grandes textos admitem reencontros sem fim. Da experiência da sua árdua e longa leitura regressamos como de uma aventura, tal como Ulisses a Ítaca, mais sábios e sobretudo enriquecidos. Ler é empreender este tipo de viagem.

A professora

Luz Godinho